



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº14

Março - Abril 94

EDITORIAL

Em nossos editoriais, sempre buscamos transmitir visões otimistas e incentivos promissores. No entanto, nosso mundo transformou-se e, assim, cabe lugar a que se exponha, à nua, a outra face da medalha. Tem havido diferença substancial nos fatos modificadores do ambiente nacional. Houve alteração súbita e gigantesca na compreensão dos aspectos basilares que interessam à nossa sociedade. O que era válido como estrutura do comportamento grupal, perdeu consistência ânímica, tornando-se sinônimo de procedimento superado pelo que se denomina de modernidade. O pensamento até então vigente sobre rostos essenciais do eticismo, passou a ser encarado como algo superado, por não atender aos conceitos malsãos de uma nova forma de vida e mentalidade, divorciados das regras que nortearam a família. A desagregação social e familiar é o quadro que nossos olhos vêem e observando a noção de um ambiente que considera o lar como um todo orgânico respeitador das virtudes que constituíam a moldura das épocas anteriores. Os valores morais perderam sua eficácia como válvula reguladoras do equilíbrio social. O que se vê é o estímulo acintoso às manifestações gram-negativas e anti-éticas. A sociedade atual perdeu, por defeituosa omissão por parte dos responsáveis-pais e governos, que se cegaram conscientemente, por acomodação culposa, a seus deveres de orientação e controle -, lançou fora, como trapos inúteis, todo um patrimônio construído ao longo dos tempos. Honra, dignidade, caráter, foram jogados no limbo e o que se vê é o semcerimonioso apoio público a manifestações de um destemperado que atinge culminâncias jamais imaginadas. Inexistente moral social ou familiar. Não há moral pública e nem cristã e tudo é encarado como um modo fácil de viver a hora presente e nada mais, sem nenhum critério, sem a noção do certo e do errado. Ser ou não ser partícipe dessa dissolução, eis a questão a ser enfrentada, na nova fórmula shakespeariana.

OYAMA ITUASSÚ

PEÃ

AMÉRICO ANTONY

I
 A tarde vem, as aves pousam,
 a abelha freme, é de oiro e mel,
 as flôres cálices repousam,
 na mata o sol doira um cordel.

*Faz o aranhol de filigrana
 ao coruscar da sombra o abrir
 Como uma joia ardente e insana
 Sobre o turbante de um vizir...*

*O ouro do sol dá serpes de alma
 Em transparência ao manancial,
 E ao estrelar jasmims em calma
 Dá à noite um manto universal.*

*A folha dorme, mas depois
 Que o sol a alenta, a beija e doira...
 E o Espaço, enfim, cortado em dois,
 É lua e sol, a uma rasoira.*

*A essa rasoira do silêncio
 Que o regulou para fulgir
 Um-no passado-ao qual pertence-o
 O outro- à sua vez de ressurgir.*

II

*E a luz do sol oculta e bela
 Pela outra face do planeta,
 É como a alma de uma estrêla
 Que se escondeu para um Poeta.*

*Que se fingiu morta esperança
 Que murcha flor simúla a cair,
 Mas, que é a vitória do fulgir
 do novo olhar de uma criança!*

*Terra que sofre, e que adormece,
 Terra que frue, e que repousa,
 Depois da angústia- és uma prece!
 Ressurreição! - rompendo a lousa.*



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
 LETRAS**

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Endereço: Academia Amazonense de Letras
 Rua Ramos Ferreira, 1009
 Telefone: (092) 234-0584
 CEP. 69.025-010
 Manaus - Amazonas
 Brasil

Carnaval em São Luís

JORGE TUFIC

*Chão de Lioz. Fachadas coloniais
Eu me sento exatamente na rua do Trapiche,
tomo um chope holandês.*

*Alguns vultos do século XVII
nos lembram que é tempo de Carnaval:
fazem seu desfile
à luz dos postes sonolentos.*

*De um sobrado em frente, palmeiras
relaxam a simetria dos losangos.
Paralelepípedos despertam da pedra,
deixam passar as carruagens.*

*Porões arrependidos cederam
de repente, ao tamanho das chuvas.
Correntes e grilhões enferrujados
velejam à tona das sargetas.*

*Ossadas e crânios chocalham,
pixam de cal a noite dos becos.*

*A cidade inteira dança,
sem ao menos perceber
de que lugar está vindo.*

UMA EXPRESSÃO PO-ÉTICA REGIONAL

A POESIA DE ANTISTHENES PINTO

A ARARA DO HOMEM RICO

*O que me adianta olhar
pra minhas companheiras
raspando nesse céu
suas vivas bandeiras?
O que me adianta dizer
que fui presa pelo homem,
que fico nesta gaiola
apodrecendo de tédio?
O que me adianta lamentar
na minha língua de arara
se já não posso nem andar
neste galho metálico?
Então passo a observar
os gurís do meu dono,
são roliços como mangas
enquanto os da vizinha
se assemelham a lápis.
Ela tenta escondê-lo
por trás de uns capins
e ele afunda em sangue,
ela de asas quebradas
e as mãos nervosas
do caçador caem em cima
dos dois como um condor.
(Como se explica
que há um habitante
por quilômetro quadrado
no Amazonas?
- Essa - é a pergunta que faz
o novo pato selvagem pra sua amada.*

NOTAS ACADÊMICAS

No dia 11 de março visitou a Academia o ministro Marcos Vinicius Rodrigues Vilaça, membro da Academia Brasileira de Letras e que manifestou desejo de conhecer seus confrades locais. Acompanhado de sua esposa d. Maria do Carmo, o ministro demorou-se em agradável palestra com os acadêmicos presentes, tecendo palavras cortêses em redor de nossas instalações.

Aniversariaram em 3, 19, 2, 27 de março os acadêmicos Ruy Lins, Jefferson Peres e José Bernardo Cabral, respec-

tivamente, cumprimentados pelo Presidente, que lhes augurou plenas felicidades.

1 de abril o acadêmico Áureo Nonato festejou em família seu natalício, recebendo homenagens pelo evento.

Veio à lume o nº 13 das "Letras Acadêmicas", referente aos meses de janeiro e fevereiro do corrente ano.

A "Revista da Academia" 22, está composta e será publicada em breves dias, contendo farto conteúdo em prosa, poesia e artigos de realça-do valor.

A Academia, por seu Presidente, esteve no Palacio Rio Negro no dia 15 de março, cumprimentando o Governador Gilberto Mestrinho pelo transcurso do terceiro ano de sua administração.

A posse do acadêmico Moacir Andrade estava marcada para o dia 17 de março, mas foi transferida, em face do estado de saúde do mesmo. Pelo mesmo motivo foi adiada a posse da acadêmica eleita Rosa Mendonça de Brito, que requereu prorrogação do prazo estatutário.

O Judiciário merece respeito

OYAMA ITÚASSU

O país vem atravessando uma fase difícil e perigosa de sua história político-social, com graves danos para a estrutura jurídica do Estado Brasileiro. As instituições são vilipendiadas às escâncaras, como se fossem alvos fáceis à mercê dos franco-atiradores. O Executivo é acusado de omissão e desídia, afetando a própria responsabilidade administrativa. O Legislativo, à sua vez, pelas ações perniciosas de alguns de seus membros e complacência da grande maioria, tem fornecido vasto material para agressões as mais variadas. Sua atividade vem sendo agulhoada livremente, sem peso e sem medida e os mani-

festantes agridem às descobertas acicatando-o, mercê das artimanhas financeiras de alguns elementos que lhe denigrem o conceito, há quem busque, na ânsia de acobertar-se do enlameamento, vulnerar a imagem do Poder Judiciário que, em sua posição altaneira, tem o dever de julgar, em única ou última etapa recursal, os problemas Jurídicos note-se bem que lhe vão ter às mãos. Nessa tarefa, o Supremo Tribunal Federal age soberanamente, imune a injunções políticas, cingido tão só ao que lhe comete a Carta Maior, ou seja, o ser guardião da Constituição, em uma competência tão estrita e restrita, que se

desse munus não poderá e nem deverá alheiar-se, para atender a rostos outros que não sejam os que lhe estão traçados na Lei Máxima.

Cumpre-lhe, dentre outros encargos, resguardar o ser humano da atuação arbitrária ou ilegal de qualquer autoridade, sem exceção, no exercício do Poder Público, conforme o artigo 5º inciso LXIX da Carta e nesse campo ninguém, ninguém mesmo, quem quer que seja, pode escapar à sua esfera de ação. Porque abuso de poder e ilegalidade são irmãos gêmeos, entrosando-se particularmente à negação do próprio direito. Quer sob a forma

de desvio ou excesso de poder, a ilegalidade sempre se manifesta, por mais sofisma que se lhe faça.

A função básica do Supremo Tribunal é julgar e o julgamento envolve um critério pessoal, nascido na íntima convicção de cada Juiz. Tem caráter de entendimento particular em derredor de um determinado assunto jurídico exposto à sua apreciação e, no contexto dos autos, o magistrado examina o feito que lhe é submetido e traça seu conceito, inteiramente avesso a quaisquer injunções que não sejam senão a de fazer justiça. Pouco lhe importa atingir von-

tade estranha, alicercando e seu ponto de vista ao que a lei e a consciência jurídica lhe ditam.

O juiz, em essência, é o aplicador dos diplomas legais e nesse mister não tem que dar satisfação de seus atos judicantes. Não está sujeito às pressões facciosas dos que almejam determinados resultados que atendam a peculiares e particulares interesses. E convém ressaltar que o Supremo Tribunal Federal tem a seu cargo a interpretação dos textos legais, dando-lhe consistência e autoridade.

Há que respeitar a decisão Judiciária, qualquer que seja

sua validade jurídica, não está à mercê da visão opiniática dos que desejam algo que lhes atenda aos objetivos. O juiz está acima das contingências pessoais e de nada valem as invectivas que lhe são lançadas pelos que procuram ensombrar sua função social. Compreendam os senhores que se arvoram a censores públicos, que a justiça é íntegra em si, não tendo medidas nem degraus. Porque não há meia justiça, que é a sua própria negação e é o mesmo que não ter nenhuma. Vale pelo seu conteúdo e dentre de cabe certeza de que um país que não respeita sua Justiça, não merece tê-la.

Nosso Senhor das Águas O Cristo dos Igapós

Carlos de Araújo Lima (DE MAX CARPHENTIER)

Nesta Academia Amazônica de Letras que BENJAMIN LIMA, PERICLES DE MORAES e ADRIANO JORGE edificaram para que a força imantradora da CULTURA neutralizasse a devastação das águas e da solidão verde, estamos aqui não para fazer uma digressão crítica - seria pretensão - e sim o registro que se impõe.

É função, mais do que is-

so, dever, desta entidade que arde no amor ao BELO, às ARTES e às LETRAS; não se omitir, não silenciar, não cruzar os braços e dar a impressão de fechar os olhos quando criações da mais alta mensagem espiritual precisam ser divulgadas para que delas todos tomem conhecimento, participem e se deixem estimular no gosto da vida.

O verdadeiro gosto da vi-

da está na CULTURA. Thomas Carlyle, o famoso escritor escossês, autor de **O Culto dos Heróis** se encarregou de prova-lo assim:

Se nos perguntassem (disse Carlyle) quereis perder o vosso Império Inglês ou o vosso Shakespeare?

Que preferís, não ter tido nunca o Império das Índias ou jamais ter possuído um Shakespeare?

Realmente seria uma grave questão. Personalidades oficiais responderiam sem dúvida, em linguagem oficial, mas, nós, de nossa parte, também teríamos de responder e o faríamos assim:

que se vá o Império, que acabará indo mesmo qualquer dia.. mas Shakespeare, esse durará sempre, e será sempre nosso. Não, não podemos perder nosso Shakespeare!

O poder da Cultura é o poder de DEUS. A semente desse poder está nos poetas que também são DEUSES.

Tivemos no Brasil um mestre de humanidades, suas aulas de Criminologia e Direito Criminal eram inconfundíveis orquestras sinfônicas tal a universalização encantadora do conhecimento e da magia de expo-lo dando a nós todos, alunos, a sensação de que participávamos, coletivamente, de uma obra de arte. Lecionou muitos anos, milhares de estudantes, muitas gerações e o fazia como pioneiro do verdadeiro ensino, sem autoritarismo. Antecipando-se à advertência de Luis Alberto Warat em **Manifesto do Surrealismo Jurídico**

o professor precisa ajudar o aprendiz existencial a transformar o saber num sonho criativo.

Era assim que procedia ROBERTO LYRA. Dele esta conclusão que muito diz:

os suportes do Homem,

suportes que lhe garantem a evolução, são a POESIA, o DIREITO e a FILOSOFIA.

Esta, a Filosofia dizemos nós, porfiando na busca das causas, a explicação preliminar para tudo. O DIREITO, alavanca da convivência, o **processo social da adaptação do homem**, na simples e genial definição de Pontes de Miranda.

Mas a POESIA em primeiro lugar. A Lanterna Mágica que antecede em intuição luminosa tudo mais. É tal a densidade, a fluidês, a infiltração da POESIA que ela é o pedestal da autêntica CULTURA. Está no Tempo, está no Espaço, está no Silêncio.

Brotada no sentimento, florescendo na sensação, voltando nas ideias, vibrando no instinto, está em tudo, até na ausência das palavras, na misteriosa região do silêncio.

João Brito Câmara, o jovem e saudoso poeta de Funchal, na ilha da Madeira, viu fundo:

...Ah! POESIA... mais alto que exprimi-la

É bem calar-se... Pra melhor vivê-la!

A POESIA latejando em todas as formas da vida, até no silêncio.

Portanto não incidimos em exagero quando afirmamos - POESIA tem a força de DEUS.

Por isso, mestre Geston Bachelard, edição Difel, **O direito de sonnar**, lembra:

Enquanto todas as expe-

riências metafísicas são preparadas por intermináveis prólogos, a poesia recusa preâmbulos, princípios, métodos, provas.

Recusa a dúvida.

No máximo, tem necessidade de um prelúdio de Silêncio.

Tudo isso conduziu o gênio de PLATÃO a esta prospeção:

O POETA, disse PLATÃO, é um ser alado e sagrado, todo leveza, e somente é capaz de compor quando saturado de DEUS e fóra do juízo, e no ponto até, em que perde de todo o senso.

Enquanto não atinge esse estado, qualquer pessoa é incapaz de compor versos **ou vaticinar**.

Essas duas últimas palavras finais, de PLATÃO, **ou vaticinar** dizem bem como os antigos atribuíam aos poetas poderes extraterrestres, de deuses.

MAX CARPHENTIER vibrou muito em profundidade, **saturado de Deus e fóra do juízo** ao escrever esse miraculoso NOSSO SENHOR DAS ÁGUAS. Encurralado na pressão telúrica desta Amazônia que Benjamin Lima viu como uma **natureza sobrenatural** e que Ferreira de Castro assinalou como **implacável e misteriosa**. Sofreu a plenitude absurda, terrificante, da floresta e da terra, **concessão das águas** no diagnóstico de Ra-

mayana Chevalier, submeteu-se ao trauma de beleza dos igapós, pedaços do verde alagado que são os mais autênticos santuários em esplendor de cores e espetáculo de beleza, santuários para abrigar a infinita grandeza divina. O igapó, em dia de sol, é o sonho que não cabe na imaginação. O delírio das cores na refração multiforme do espelho líquido. O festival das flores e das plantas na refração da água parada. O estonteamento de tanta agressão assim induz o Poeta a ficar fora do Juízo e saturado de Deus submeter-se à catarse da inspiração.

Ponte humana da ligação com DEUS o CRISTO é o sonho da PAZ e do entendimento entre os homens, pregador da vida sem o governo convencional mas regida pelo império humanizador do coração do Homem.

Por isso é que André Malraux, genial autor de *Condição Humana*, tem o CRISTO na condição de **anarquista que teve êxito**. Poema em prosa singular, com ressonância de reza e vibração de canção, de amor à Vida, aos bichos, às

plantas, às árvores e às criaturas, CRISTO renasce em plena selva para nela semear a confiança em nós mesmos, implantar a capacidade de sobreviver na infinita imensidão verde, conservando-a com racional humanidade e lúcido desvelo.

É um livro cuja leitura se recomenda a ateus e crentes, livro que aprofunda o homem nele mesmo e o faz vir à tona dessa prospecção mais confiante em que vale a pena viver. Porque todas as conquistas positivas resultam da compreensão de que viver é compreender e compreender é AMAR.

Uma visão cristã da causa ecológica, na apreciação do cardeal Paulo Evaristo Arns.

Diz bem José Livio Dantas ... livro mais de diálogo espiritual que de simples imaginativa literária.

Nesta sessão, da Academia Amazonense de Letras, sob a dinâmica Presidência de Oyama Ituassú, sentimos que nela vibra não só a ressurreição de CRISTO na produção genial de MAX CARPHENTIER como a certeza de que estão

vivos Ulysses Bittencourt, Arthur Reis, Nunes Pereira, Álvaro Maia, José Lindoso, Almeida Barroso, nesta benfazeja sensação de que eles estão, todos eles, por nós novamente abraçados e são mensagens fecundas de vida porque muito nela produziram e amaram. Ressurgem, ressuscitam em nossos corações, abrindo em todos nós o sorriso que é a flor que comprova a relatividade de tudo até do ato final, na verdade reticência que sempre pelos muito que eles foram é portanto são, podemos transformar em pontos de exclamação.

Para finalizar digo a MAX CARPHENTIER que vou abraçá-lo, em nome dos amazonenses e dos brasileiros que tanto o admiram, valendo-me de outro grande POETA, JORGE DE LIMA, em *TEMPO E ETERNIDADE*:

Mel silvestre tirei das plantas!

Sal tirei das águas, luz tirei do céu!

Escutai meus irmãos: **poesia tirei**

de tudo! Para oferecer ao SENHOR!

